

Zélia: Brasil não pode pagar a dívida

SILVIA FARIA
Enviada especial

WASHINGTON — O Brasil quer, mas não pode pagar sua dívida externa nos termos do acordo celebrado pelo Governo passado em 1988, que representa compromissos superiores a US\$ 20 bilhões neste ano. Essa afirmação foi feita exaustivamente ontem pela Ministra Zélia Cardoso de Mello, durante uma peregrinação, que ela classificou de pedagógica, pelos corredores do suntuoso edifício do FMI, onde teve contatos com os Ministros das Finanças da Itália, Guido Carli, e da Alemanha, Theo Waigel. Zélia defendeu a mesma posição perante cerca de 300 empresários brasileiros e estrangeiros, participantes de encontro promovido pela Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos.

A Ministra disse que a dureza nas declarações públicas de autoridades dos países desenvolvidos decorrem do desconhecimento da realidade brasileira e que seu principal esforço, assim como de sua comitiva, tem sido o de informar os credores sobre a real situação do País. Ela disse que não sente a mesma agressividade nos encontros bilaterais que vem mantendo.

— Eles têm uma imagem de que o Brasil é riquíssimo, que pode mas não quer pagar. Nós estamos explicado, pedagogicamente, que a realidade é o contrário: o Brasil quer, mas não pode pagar — disse a Ministra.

Ela ressaltou, em suas conversas bilaterais — um verdadeiro trabalho de marketing da posição brasileira — que o FMI reconheceu as limitações do País para pagamento da dívida, quando acertou os termos da carta de intenção com o Brasil. Zélia informou que o Diretor-Gerente do FMI, Michel Camdessus, que publicamente vem dizendo que só enviará a carta ao **board** da instituição após retomada a negociação com os bancos privados, lhe disse que vai enviar a carta.

Quando a imprensa ponderou que as declarações de Camdessus eram divergentes, ela respondeu:

— Pois é. Eu acredito nas minhas relações bilaterais com Camdessus.

Perante a Câmara de Comércio, a Ministra falou do plano de abertura da economia brasileira ao comércio e ao investimento estrangeiro e mencionou o problema da dívida para uma platéia mista de banqueiros brasileiros, como João Sayad, Angelo Calmon de Sá, Fernão Bracher, Léo Cochrane e Philippe Reichstul, entre outros, e empresários estrangeiros. Na oportunidade, enviou recado irônico aos credores privados:

— Tenho dito com insistência que o Governo brasileiro deseja proceder à negociação definitiva, numa atmosfera de cooperação e entendimento. Surpreende-nos, portanto, quando a resposta que encontramos a essa disposição retoma um quadro passado em que a questão do pagamento de atrasados e a idéia de se manterem intactos os fluxos de remessas voltam a ser a tônica, sem que considerem suas consequências diretas no novo quadro brasileiro. É preciso que se reconheça que a realidade agora é outra.

A Ministra explicou que o Brasil tem que ser coerente em sua posição e exigir uma solução definitiva para a dívida:

— Não podemos comprometer o programa de estabilização com o pagamento de volumes elevados.

Telefoto AP



Zélia com o Ministro das Finanças da Itália, Guido Carli, ao início da reunião do Fundo Monetário Internacional